Jorge Kantor*

Critérios para a finalização do tratamento psicanalítico

Na quarta-feira 2 de março de 1949, a Sociedade Psicanalítica Britânica (BPS) realizou um simpósio dedicado ao tema da finalização do tratamento psicanalítico. Nele foram lidos quatro textos breves (entre duas e quatro páginas) escritos por Michael Balint, Harold Bridger, Willie Hoffer e Melanie Klein. Um mês depois, John Rickman apresentou na BPS sua contribuição à discussão (também de duas páginas). Esta é, provavelmente, uma das primeiras discussões institucionais sobre os critérios para a finalização dos tratamentos psicanalíticos.

O enfoque de Melanie Klein (1950) atualmente é bastante conhecido. Ela sugere que seria necessário inter-relacionar os critérios clássicos (refere-se à sexualidade heterossexual, às relações de objeto e à capacidade de amar e trabalhar) com um critério que é sua contribuição original: cada passo, no processo de análise, está vinculado à diminuição das ansiedades persecutórias e depressivas. Klein sustenta que ao analisar a transferência positiva e a transferência negativa diminuem as ansiedades persecutórias e depressivas, e a pessoa em análise se torna cada vez mais capaz de sintetizar os aspectos contrastantes dos objetos primários e de seus sentimentos por eles, com o qual se estabelece uma atitude mais realista e segura em relação a seu mundo interno e externo. Podendo então enfrentar com mais êxito os sentimentos de perda causados pela finalização da análise e a parte do trabalho do luto que deve realizar por si mesma depois do final da análise.

Balint (1950) também aguarda um processo gradual, no que a pessoa em análise mostraria um desenvolvimento paulatino de sua capacidade de estabelecer vínculos benignos, e alcançaria “um compromisso aceitável entre suas próprias demandas e as de seus objetos” (p. 197). O tratamento psicanalítico deve eludir os monstros Cila e Caríbdis da psique da pessoa em análise, de forma tal que facilite a possibilidade de um “novo começo” que permita seu desenvolvimento até alcançar a genitalidade.

Em minha opinião, tanto a posição de Balint como a de Klein são características de uma perspectiva sobre o desenvolvimento

do processo analítico que denominei “lamarckiana”, no sentido de que a finalização de uma psicanálise estaria determinada pela evolução da pessoa em análise em uma direção determinada:

Dependendo da escola, espera-se que um paciente avance em direção à *genitalidade*, o que evolui para a *posição depressiva*; que aceda à *ordem simbólica* e assim sucessivamente (...). O futuro *lamarckiano* é um diagrama que irá se armando de uma forma progressiva durante o tratamento. De certo modo, o analista *lamarckiano* sabe para onde se dirige a mente do paciente, ainda que não saiba exatamente como irá chegar lá. (Kantor, 1993, p. 216).

Os outros dois trabalhos, o de Bridger e o de Hoffer, enfocam o assunto desde uma perspectiva transferencial: os critérios que propõem não se centram tanto no que caberia esperar – segundo a teoria particular do analista – do desenvolvimento psicosssexual e/ou de um *self* saudável, mas que priorizam uma certa ideia de como deveria evoluir a relação transferencial no processo.

Bridger (1950) considera que o analista dever intuir “o momento ótimo” em que convém que se produza o término no processo psicanalítico. Sugere que as experiências de separação e as interrupções de curto prazo (fins de semana e férias) que se produzem ao longo da análise deveriam ser um critério primário para avaliar o momento correto da finalização de um tratamento psicanalítico.

Por sua parte, Hoffer propõe o problema do destino da neurose da transferência. Considera que os critérios mudaram em relação aos que eram usados em psicanálise até 1949. Isto é:

Antes se pensava que a neurose de transferência se dissolvia durante o tratamento (através da interpretação e o *working through*) e que isso levava ao término do tratamento [que ocorreria de uma forma natural]. “A chama”, se pensava, “morria por falta de combustível”. Agora assumimos que isto quase nunca acontece. A transferência não é uma manifestação reativa, mas sim uma manifestação ativa; não é criada pela realidade, mas pela pressão espontânea do Id. (Kantor, 1950, p. 195).

Hoffer propõe três critérios para a finalização: o grau de consciência dos processos mentais inconscientes que mostra a pessoa em análise, sua aquisição da arte da interpretação e, por último – mas também importante –, sua capacidade de elaborar os aspectos da situação transferencial marcados pela compulsão de repetição.

Um mês depois destas quatro apresentações, John Rickman (1950) leu seu texto. Nele propõe “um tipo de código”, um critério fundamental que denomina “a irreversibilidade”. Descreve assim a culminação de um processo que evoluiu em direção a uma integração da personalidade cada vez maior, de tal forma que, inclusive sem ajuda analítica adicional, não caberia esperar um processo de regressão quando cesse o tratamento.

A irreversibilidade seria um critério técnico independente dos critérios derivados de concepções teóricas diferentes. Portanto, se aplicaria a toda consideração em relação à formalização do tratamento.

Ressalto a inteligente inclusão do conceito de irreversibilidade, tal como o faz Horacio Etchegoyen (1986) em seu livro fundamental sobre a técnica psicanalítica, ao qualificar de “breve e lúcida” (p. 577) a proposta de Rickman.

Da mesma forma que Bridger, Rickman considera que a interrupção do processo que se dá nos finais de semana e nas férias, ao evidenciar fantasias de tipo transferencial, pode ser de utilidade para que o analista avalie se a pessoa alcançou pontos de irreversibilidade em critérios que ambos considerem importantes, como, por exemplo, a tolerância à separação. Poderia ser que, apesar dos conflitos na vida da pessoa em análise, esta possa fazer uma imagem (representação) do fim de semana em termos positivos ou neutros.

No artigo mencionado mais acima (Kantor, 1993) propunha uma concepção “darwiniana” do processo psicanalítico, como contraste à lamarckiana. Diferentemente desta última, a perspectiva darwiniana se caracteriza pelo analista que não sabe com antecedência para onde se dirige o aparelho psíquico da pessoa em análise: “Durante o processo será necessário construir-se seja o que for que tenha sentido, encaixe, entre ambas mentes, permitindo eventualmente uma mudança psíquica. Tal encaixe não aguarda uma sequência

programada nem se encontra pré-empacotado” (Kantor, 1993, p. 217).

É uma posição darwiniana à medida que a pessoa em análise e seu analista adquiram durante o processo a condição discricional da avaliação.

Em síntese, ainda que valorize a proposta de Rickman do “ponto de irreversibilidade”, penso que este deve ser aplicado a critérios específicos e diferentes, discernidos em cada processo psicanalítico, os que se desprenderão do processo em si, e que comprometam a ambos os participantes.

Referências

Balint, M. (1950). On the termination of analysis. *The International Journal of Psychoanalysis*, 31, 196-199.

Bridger, H. (1950). Criteria for the termination of analysis. *The International Journal of Psychoanalysis*, 31, 202-203.

Etchegoyen, H. (1986). *Los fundamentos de la técnica psicoanalítica*. Buenos Aires: Amorrortu.

Hoffer, W. (1950). Three psychological criteria for the termination of treatment. *The International Journal of Psychoanalysis*, 31, 194-195.

Kantor, J. (1993). La noción de futuro en el tratamiento psicoanalítico: tres perspectivas clínicas. En Lemlij, M. (Ed.), *De la escucha a la interpretación en el Perú de hoy* (pp. 213-218). Lima: Biblioteca Peruana de Psicoanálisis.

Klein, M. (1950). On the criteria for the termination of an analysis. *The International Journal of Psychoanalysis*, 31, 204-204.

Rickman, J. (1950). On the criteria for the termination of an analysis. *The International Journal of Psychoanalysis*, 31, 200-201.